



RELATO DE EXPERIÊNCIA: RECONTEXTUALIZANDO O ENSINO DE SOCIOLOGIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM SERGIPE ¹

LIMA JÚNIOR, Cícero ²
BARBOSA, Vilma Soares de Lima ³

RESUMO: O relato de experiência apresenta a análise-reflexiva sobre a importância do PIBID com relação a aproximação da universidade e escola. Nesse sentido, da construção do plano até a vivência em sala de aula, utilizou-se o conceito teórico do campo recontextualizador. A análise partiu da compreensão sobre de que modo o conteúdo em sociologia foi desnaturalizado para os alunos e como a identidade docente é atravessada pelo processo pedagógico. Desse modo, ao considerar a atuação do pibidiano como agente em formação no campo recontextualizador do ensino, foi analisado que a articulação entre o contexto acadêmico e o contexto da sala de aula do ensino básico contribuiu para a teoria e prática sociológica. Assim, esse relato evidencia o papel social, político e profissional do programa no desenvolvimento da identidade do futuro professor de sociologia.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID, vivência, sociologia, identidade.

1 INTRODUÇÃO

Esta análise-reflexiva parte do objetivo de se discutir como a experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Ciências Sociais viabiliza fortalecer a aproximação da Universidade para com o campo escolar. Desse modo, este trabalho não se limita a discorrer sobre a vivência de campo, mas articular dimensões teóricas e empíricas entre o ensino de sociologia institucional e o ensino de sociologia da educação básica. Nesse sentido, Lahire (2014) e Bernstein (1996) apresentam importantes contribuições para o campo da sociologia da educação, seja na compreensão do mundo social, no desvelar dos discursos presentes na linguagem educacional, possibilitam a abertura na articulação do conhecimento sociológico com as contribuições da realidade escolar.

¹ Este trabalho é resultado das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, Universidade Federal de Sergipe, *Campus* de São Cristóvão, cicerolimajuniorclj@gmail.com.

³ Professora associada, coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, Universidade Federal de Sergipe, *Campus* de São Cristóvão, vilmalima@academico.ufs.br.



Tendo como perspectiva as vivências em sala de aula com o PIBID, antes da entrada em campo, o sujeito que narra já inicia o processo de construção do conhecimento implicado em um horizonte de teorias aprendidas durante o percurso da licenciatura, em relação ao contexto da graduação em Ciências Sociais, sobre como as diferentes vertentes sociológicas permitem imergir na vivência escolar.

Com a experiência promovida pelo PIBID, o relato não se inicia somente quando o bolsista/voluntário está presente no espaço escolar. Ao contrário, o próprio licenciando apresenta-se atravessado de epistemologias apreendidas durante seu percurso na graduação que devem permitir-lhe construir seu próprio conhecimento para que possa atuar de maneira autônoma, ainda que circunscrito pelos limites epistemológicos que estruturam e condicionam a produção do conhecimento.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta relato de experiência com foco na análise-reflexiva amparada pela percepção e vivência em sala. Desse modo, parte-se da narrativa de experiência pelo PIBID em Ciências Sociais, de modo a relacionar a vertente sociológica de Bernstein (1996) com as vivências em sala de aula produzida por mim enquanto bolsista do programa. O relato que aqui se subscreve propõe compreender como o ensino de sociologia e o PIBID se articulam sob os constructos: (1) o pensamento crítico e desnaturalizado da realidade para o aluno e (2) o reconhecimento da identidade docente na educação básica na sociologia. Desse modo, considera-se o pressuposto de que as experiências no PIBID contribuem para a formação docente, em prol da defesa da Sociologia tanto como componente curricular, quanto do reconhecimento como saber indispensável à formação cidadã.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da perspectiva teórica de Bernstein (1996), no que diz respeito à formação da identidade docente pelo PIBID, o conhecimento passa por processos de recontextualização o qual é moldado ao deslocar da universidade para o campo da escola. Essas identidades emergem dos processos de socialização internalizados



pelos discursos instrucional (competências e conteúdos) e regulador (regras e modos de ser professor). O campo recontextualizador é constituído por formadores de professores, pedagogos e pesquisadores das escolas, apresentando função de relocalar de forma seletiva o conhecimento científico para o ambiente escolar.

O PIBID, como dispositivo do campo recontextualizador pedagógico, possibilita pensarmos, através do relato de sala de aula, como o conhecimento sociológico da universidade é recontextualizado na educação básica para com o aluno e de que forma a identidade do licenciando é construída. Sobre essa abordagem, considera-se essa identidade produzida na tensão entre discursos, regras e práticas.

Nesse sentido o relato, dentro desse contexto, torna-se dispositivo de produção de sentidos, uma vez que a narrativa é uma construção social discursivamente regulada por normas e formas de se posicionar na elaboração dos planos de ensino e em sala de aula. O pensamento de Bernstein (1996), por sua vez, amplifica essa análise de como as experiências produzidas no PIBID contribuem para a construção da prática docente e da formação de identidade do pibidiano no subprojeto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe.

A experiência relatada ocorreu em uma aula de Sociologia realizada no dia 11 de setembro de 2025. Com vínculo bolsista no PIBID, estive sob supervisão do professor Igo José de Azevedo Soares, no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. O conteúdo do período semestral da turma do 2ª C do colégio foi dedicado aos modelos de produção, sendo um desses períodos de aula orientado a mim para ministrar o assunto sobre Taylorismo e Fordismo.

A construção do plano de aula seguiu o conteúdo do livro didático de Sociologia do ensino médio. Desse modo, o plano de aula foi elaborado sob os objetivos gerais de apresentar como taylorismo e fordismo são conceituados, analisando-os sociologicamente, e de simular a fabricação de produtos de acordo com a lógica da racionalização dos modelos de produção.

No processo de construção desse plano foram percebidos e articulados dois momentos importantes para a realização da aula. O primeiro refere-se ao conteúdo selecionado e adaptado. Esse momento é marcado pela sistematização do aprendizado didático na universidade o qual passa a ser ajustado e organizado para ser ensinado na sala de aula da educação básica. Durante a elaboração do plano, o



conhecimento acadêmico é recontextualizado para o conhecimento da educação básica.

Ao relacionar a perspectiva teórica de Bernstein (1996) ao relato, a recontextualização do contexto primário de produção do discurso e adaptação para o contexto secundário de reprodução busca analisar não somente o contexto da experiência em sala, mas o que antecede essa prática, isto é, o plano de aula e a contribuição das disciplinas cursadas na graduação. Nesse sentido, é por meio deste percurso que o relato emerge da concretização do aprender e do produzir o discurso pedagógico (Bernstein, 1996).

Inicialmente, foi utilizado o recurso de imagem para mostrar como os modelos de racionalização do trabalho atuam controlando o tempo de produção dos trabalhadores. Esses modelos visavam organizar o espaço produtivo e aumentar a produtividade. Em relação ao taylorismo, os alunos puderam visualizar a estratégia do tempo cronometrado para a realização de tarefas em menor tempo possível, enquanto pelo fordismo foi implementado a linha de montagem. Em ambos os modelos, os alunos notaram que o objetivo comum era o aumento do consumismo e o controle sobre os movimentos do corpo do trabalhador.

A imagem da figura 01 retrata essa interpretação, é o momento em que a história, a arte e a sociologia se encontram na construção e reconfiguração do conhecimento. A estratégia⁴ de utilizar ilustrações/fotografias/imagens em aula abre espaço para que os alunos construam uma relação mais próxima do conhecimento e elaborem posicionamentos crítico-reflexivo.

Figura 01. Linha de montagem de Ford.



Fonte: Elaborado por Osvaldo Bertolino, 2023.

⁴ A estratégia metodológica de ensino com o recurso didático imagético foi um dos assuntos trabalhados pela disciplina de Ensino de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais.



De modo a representar o modelo fabril fordista-taylorista, e de aproximar a teoria da prática, os alunos foram divididos em dois grupos. As mesas da sala foram utilizadas como esteira da linha de montagem em que ambos os grupos tiveram o objetivo de construir aviões de papel. Com o tempo cronometrado em 15 minutos, os alunos estavam classificados em operários/trabalhadores que dobram, desenham, colam, conferem e organizam o produto final.

O primeiro grupo executou o modelo fordista com tarefas específicas dependentes da linha de montagem. Nesse caso, a esteira foi utilizada no sentido metafórico, era uma esteira humana, ou seja, o tempo para produzir o avião de papel e passar para o segundo trabalhador dependia do ritmo/velocidade imposto por essa estrutura. O segundo grupo executou o modelo taylorista. Nesse modelo produtivo, cada trabalhador realiza apenas uma etapa do processo produtivo, de modo que eram testadas a eficiência e a agilidade de acordo com tempos de execução previamente cronometrados.

A dinâmica dessa simulação ocorreu semelhante à figura 1, em que é possível analisar o processo de recontextualização preconizado por Bernstein (1996). Desloca-se o discurso da prática e de seu contexto original (plano de aula e teoria) e reloca-o em um novo contexto (a aula prática), em outras palavras, da prática real para a prática imaginária. Os alunos são sujeitos imaginários que representam, parcialmente, a teoria. Nesse sentido, o texto (a teoria), sob a ótica de Bernstein (1996, p. 270), é reposicionado e refocalizado. Durante o processo de construção do plano de aula, e do estudo sobre o conteúdo teórico, foi preciso descontextualizar as teorias taylorista e fordista para que sejam recontextualizadas na prática da aula. De modo que foram reposicionadas sob a dinâmica da simulação, a fim de que se concretize para que o conhecimento faça sentido aos estudantes.

Além disso, ao apresentar o relato, a identidade docente que está em processo de construção também é recontextualizada em meio ao processo de observar o supervisor ministrando a aula e ao momento de preparação e realização da aula por mim. Para Bernstein (1996), o campo recontextualizador gera posições da teoria, da pesquisa e da prática pedagógicas. O autor não se refere somente aos departamentos de Educação e às instituições de ensino, mas ao próprio processo de construção e transmissão do conhecimento teórico e prático e da formação dos futuros educadores. Na experiência desta aula, passei a atuar no campo



recontextualizador pedagógico, entre o espaço da universidade e da escola, onde me permitiu a estabelecer conexões entre o saber acadêmico e o saber escolar, sendo essa identidade perpassada por confrontos das teorias com a realidade da educação básica.

A construção desse sujeito, de minha identidade enquanto licenciando em Ciências Sociais, é marcada por essas mudanças de posições teóricas, da produção do relato de experiência, da própria vivência em sala e da prática pedagógica. Durante a preparação do plano e realização da aula, no que se refere para além de minha experiência, é inconcebível a importância dos conteúdos de Sociologia para a formação cidadã dos estudantes. Durante a dinâmica, a sociologia possibilitou que enxergássemos (professor e alunos) que o modelo de produção taylorista-fordista retirava do trabalhador o saber e o tempo. O tempo passa a ser controlado, os movimentos são repetitivos, o seu saber é expropriado.

Os operários passam a competir entre si buscando se destacar aquele com mais habilidade do tempo na linha de montagem. Com a simulação do sistema produtivo, espera-se que os estudantes consigam identificar o problema da alienação e do trabalho exaustivo. Esses modelos são presentes em fábricas/empresas que empregam com baixa qualificação para poder controlar e submeter o trabalhador às condições de exploração e subordinação em desvios de funções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência na educação básica possibilita identificar que a vivência em sala me fez atuar para além de um transmissor de conteúdos, mas como agente em formação do campo recontextualizador pedagógico. A escolha do teórico, a indicação do livro didático para o conteúdo de sala, o aprendizado das disciplinas curriculares da licenciatura em Ciências Sociais me possibilitou a emergir e atravessar nas/sobre regras dos discursos e dos códigos tanto do campo acadêmico quanto do campo pedagógico do dispositivo pedagógico de Bernstein (1996).

O processo de seleção e organização do conteúdo é marcado pela construção epistemológico e ontológico de minha formação do ensino em Sociologia. Quando o supervisor me orientou a elaboração da aula sobre modelos de produção



taylorista e fordista, a escolha metodológica da aula, as habilidades que poderiam constituir a aula e a turma designada, foi possível vivenciar o discurso instrucional e o discurso regulativo – enquanto o primeiro trata das competências, o segundo me posiciona diante das regras de ordem e comportamento da sala de aula - preconizado por Bernstein.

Esse relato do PIBID permite-me evocar dois momentos pedagógicos. O primeiro paira sobre a aula que possibilitou desnaturalizar o trabalho nas fábricas taylorista e fordista aos alunos (marcado por discursos que amenizam a exploração do trabalhador ao usar a ciência como justificativa da revolução no mundo do trabalho). O segundo perpassa a formação em andamento como docente em Ciências Sociais. Este último potencializa reafirmar a importância do ensino de Sociologia na educação básica, uma vez que, na percepção de Lahire (2014), é importante democratizar a linguagem para que os alunos não sejam controlados pelos poderes dominantes e possam analisar criticamente problemas como desigualdades, opressões e formas de exploração.

Com Bernstein (1996) e Lahire (2014) pude perceber analiticamente no relato que a escola nunca é neutra. É marcada por discursos de poder, por conteúdos e códigos elaborados que determinam para quem e como deve ser. Com a experiência em aula, a Sociologia vai além. Amplia a minha posição enquanto bolsista do PIBID e a construção do conhecimento dos alunos permitindo que sejam questionados e contestados criticamente determinados discursos manipulados e enviesados sob a luz do conhecimento científico.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? **Revista Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, jan./jun. 2014.



Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17955>. Acesso em: 20 de fev. 2026.

BERNSTEIN, B. **A Estruturação do discurso pedagógico: classe, código e controle**. Petrópolis; Vozes, 1996.

BERTOLINO, Osvaldo. A precarização do fordismo e o trabalhador como “parafuso mudo”. **Fundação Maurício Grabois**, 13 out. 2023. Disponível: <https://grabois.org.br/2023/10/13/a-precarizacao-do-fordismo-e-o-trabalhador-como-parafuso-mudo/>. Acesso em: 05 mar. 2026.